

## QUOTA-PARTE DO TRABALHO NA HOMINIZAÇÃO DO MACACO<sup>1</sup>

O trabalho é a fonte de toda a riqueza, juntamente com a natureza que lhe fornece a matéria que ele a transforma em riqueza. Mas é ainda infinitamente mais do que isso. Ele é a primeira condição fundamental de toda a vida humana e, com efeito, num grau tal que, em certo sentido, temos de dizer: ele criou o próprio homem.

Há muitas centenas de milhares de anos viveu na zona tórrida da Terra um gênero de macacos antropóides de desenvolvimento particularmente elevado. Estavam inteiramente cobertos de pêlo, tinham barba e orelhas pontiagudas e viviam em bandos nas árvores.

Antes do mais, certamente devido à sua maneira de viver que, no trepar, atribui às mãos funções diferentes das dos pés, estes macacos começaram, em terra plana, a desabituar-se da ajuda das mãos para andar e adotaram uma postura cada vez mais ereta. Com isto, deu-se *o passo decisivo para a transição do macaco ao homem*.

Todos os macacos antropóides que ainda agora vivem podem manter-se eretos e deslocar-se sobre ambos os pés apenas. Mas só em caso de necessidade e de um modo sumamente desastrado. A sua postura natural acontece na posição semiereta e inclui o uso das mãos. A maior parte apóia os nós do punho no solo e, com as pernas encolhidas, balança o corpo entre os braços compridos, como um paralítico que anda com muletas. Em geral podemos ainda agora observar nos macacos todos os estádios de transição do andar sobre todos os quatro membros até à marcha sobre ambos os pés. Mas, para nenhum dentre eles isso se tornou mais do que um expediente.

Se a postura ereta entre os nossos antepassados cobertos de pêlo se havia de tornar, primeiro, regra e, com o tempo, uma necessidade, isso pressupõe que, entretanto, as mãos se incumbiram cada vez mais de atividades de outro tipo. Mesmo entre os macacos domina já uma certa divisão da utilização de mão e pé. Como já foi mencionado, no trepar, a mão é usada de maneira diferente do que o pé. Ela serve, de preferência, para colher e segurar a alimentação, como acontece já com as patas da frente de mamíferos inferiores. Com ela, a maioria dos macacos constrói ninhos nas árvores ou mesmo, como o chimpanzé, tetos entre os ramos para proteção contra o tempo. Com ela agarram paus para defesa contra inimigos ou bombardeiam-nos com frutos e pedras. Com ela, eles completam, em cativeiro, um número de operações simples copiadas do homem. Mas, precisamente aqui, manifesta-se quão grande é a distância entre a mão não desenvolvida mesmo do macaco mais antropóide e a mão do homem altamente aperfeiçoada pelo trabalho de milhares de séculos. O número e a ordenação geral dos ossos e músculos coincidem em ambos; mas, a mão do selvagem mais inferior pode executar centenas de operações que nenhuma mão de macaco imita. Nenhuma mão de macaco alguma vez confeccionou a faca de pedra mais grosseira.

As operações, a que os nossos antepassados aprenderam gradualmente a captar a mão, na transição do macaco ao homem no decurso de muitos milhares de anos, apenas puderam, portanto, a princípio, ter sido muito simples. Os selvagens mais inferiores, mesmo aqueles em que é de admitir uma recaída num estágio mais próximo do animal com simultânea regressão corpórea, estão sempre ainda muito acima daquelas criaturas

---

<sup>1</sup> Resumo do texto de Friedrich Engels, provavelmente escrito em junho de 1876.

de transição. Até que o primeiro sílex fosse trabalhado em faca por mão humana devem ter passado espaço de tempo face aos quais o tempo histórico que nos é conhecido parece insignificante. Mas, *o passo decisivo foi dado: a mão tornou-se livre* e pôde ganhar sempre nova habilidade, e a maior flexibilidade assim ganha transmitiu-se hereditariamente e aumentou de geração para geração.

*Deste modo, a mão não é apenas o órgão do trabalho; ela é também produto dele.* Só pelo trabalho, pela adaptação a operações sempre novas, pela transmissão hereditária do aperfeiçoamento particular por esse fato ganho pelos músculos, ligamentos e, em espaços de tempo maiores, também pelos ossos, e por uma aplicação sempre renovada desse refinamento hereditário a novas operações, sempre mais complicadas – só por tudo isto a mão humana alcançou aquele alto grau de perfeição em que pode fazer aparecer como por encanto as pinturas de Rafael, as estátuas de Thorwaldsen, a música de Paganini.

Mas, a mão não estava só. Ela era apenas um membro individual de todo um organismo sumamente estruturado. E o que aproveitava à mão, aproveitava também ao corpo todo, ao serviço do qual ela trabalhava – e isto de uma dupla maneira. Determinadas formas de partes individuais de um ser orgânico estão sempre ligadas a certas formas de outras partes que, aparentemente, não têm nenhuma conexão com elas. Modificações de determinadas formas trazem consigo modificações da forma de outras partes do corpo, sem que nós possamos explicar a conexão. Gatos totalmente brancos com olhos azuis são sempre, ou quase sempre, surdos. O refinamento gradual da mão humana e o aperfeiçoamento simultâneo do pé para a marcha ereta indubitavelmente retroagiu também, através de semelhante correlação, sobre outras partes do organismo. Todavia, esta influência ainda está muito pouco investigada para que aqui possamos fazer mais do que constatá-la em geral.

Os nossos antepassados semiescos eram sociáveis; é evidentemente impossível derivar o homem, o mais sociável de todos os animais, de um antepassado próximo não-sociável. A dominação sobre a natureza, que começa com o aperfeiçoamento da mão, com o trabalho, alargou, a cada novo progresso, o horizonte do homem. Nos objetos da natureza ele descobriu continuamente propriedades novas, até então desconhecidas. Por outro lado, o aperfeiçoamento do trabalho contribuiu necessariamente para que os membros da sociedade se aproximassem mais uns dos outros, uma vez que multiplicavam os casos de apoio mútuo, de co-operação comum, e clarificava a consciência da utilidade desta co-operação para cada indivíduo. Em suma, *os que se estavam tornando homens chegaram ao ponto em que tinham algo para dizer entre si.* A necessidade criou o seu órgão: a laringe não desenvolvida do macaco transformo-se, lenta mas seguramente, por modulação, para uma modulação sempre mais elevada, e os órgãos da boca aprenderam gradualmente a pronunciar uma letra articulada após outra.

Que esta explicação do nascimento da linguagem a partir do e com o trabalho é a única correta, demonstra-o a comparação com os animais. O pouco que estes, mesmo os mais altamente desenvolvidos, têm a comunicar entre si, podem comunicá-lo entre si mesmo sem linguagem articulada. No estado de natureza, nenhum animal sente como um defeito não poder falar ou não poder entender a linguagem humana. É totalmente diferente quando ele foi domesticado pelo homem. O cão e o cavalo, no convívio com os homens, adquiriram um tão bom ouvido para a linguagem articulada que eles facilmente aprendem a entender qualquer linguagem até onde o seu círculo de representação

alcança. Ganham, além disso, a capacidade de sentimentos, tais como o apego a homens, a gratidão, etc., que lhe eram anteriormente estranhos; e, quem conviveu muito com semelhantes animais mal poderá escapar à convicção de que há casos suficientes que *agora* sentem a incapacidade de falar como um defeito, ao qual, com efeito, infelizmente, já não é possível remediar, por causa de os seus órgãos vocais estarem demasiado especializados numa determinada direção. Mas, quando o órgão existe, esta incapacidade desaparece também dentro de certos limites. Os órgãos bocais das aves são seguramente tão diversos quanto possível dos do homem e, contudo, são aves os únicos animais que aprendem a falar; e a ave com a voz mais horrível, o papagaio, é a que fala melhor. Não se diga que ele não entende aquilo que diz. Sem dúvida que ele repetirá, falando, durante horas, todo o seu vocabulário, por puro prazer de falar e de companhia dos homens. Mas, tanto quanto o seu círculo de representação alcança, tanto pode ele também aprender a entender aquilo que diz. Ensinem-se palavras a um papagaio, de tal modo que ele chegue a uma representação da sua significação (um dos principais divertimentos dos marinheiros que regressam de países tórridos); excitem-no e em breve se verificará que ele sabe utilizar os seus palavras tão corretamente como uma vendedora de hortaliças de Berlim. Acontece o mesmo com o pedir de guloseimas.

Primeiro, o trabalho, depois e então, com ele, a linguagem – são estes os dois estímulos essenciais sob cuja influência o cérebro de um macaco gradualmente transitou ao de homem que, apesar de toda a semelhança, é maior e mais perfeito. Com o aperfeiçoamento do cérebro veio simultaneamente o aperfeiçoamento dos seus utensílios mais próximos – os órgãos dos sentidos. Tal como a linguagem foi já necessariamente acompanhada no seu aperfeiçoamento gradual por um correspondente refinamento do órgão da audição, o aperfeiçoamento do cérebro, em geral, também o foi pelo dos sentidos todos. A águia vê muito mais longe que o homem, mas os olhos do homem vêem muito mais nas coisas do que os da águia. O cão tem um faro de longe mais fino do que o do homem, mas ele não diferencia a centésima parte dos odores que, para este, são características determinadas de coisas diversas. E, o sentido do tato, que, no macaco, mal existe nos seus rudimentos mais grosseiros, só com a própria mão do homem, pelo trabalho, desabrochou.

A Retroação sobre o trabalho e a linguagem no desenvolvimento do cérebro e dos sentidos ao seu serviço, da consciência que cada vez mais se torna clara, da faculdade de abstração e de raciocínio, dão a ambos um impulso sempre novo para o ulterior aperfeiçoamento; um ulterior aperfeiçoamento que não encontrou uma conclusão logo que o homem se separou definitivamente do macaco, mas que, grosso modo, avançou poderosamente então, entre os diversos povos e em diversos tempos, segundo um grau e uma direção diversos, interrompido mesmo, aqui e além, por uma regressão local e temporária; por um lado, impelido poderosamente para diante, por outro lado, guiado em direções mais determinadas, por um elemento surgido de novo com o aparecimento do homem acabado – *a sociedade*.

Centenas de milhares de anos passaram seguramente antes que do bando de macacos trepando às árvores tenha saído uma sociedade de homens. Mas, finalmente, ela surgiu. E o que voltamos nós a encontrar como diferença característica entre bando de macacos e sociedade de homens? *O trabalho*. O bando de macacos contentava-se em esgotar o seu território alimentar. Empreendia migrações e lutas por uma nova zona

alimentar, mas era incapaz de tirar do território alimentar mais do que ele por natureza oferecia.

Numa raça de macacos, que em inteligência e em capacidade de adaptação estava muito à frente de todas as outras, isto tinha de conduzir a que o número das plantas alimentares se estendesse cada vez mais, a que cada vez mais partes comestíveis das plantas alimentares fossem consumidas, em suma, a que a alimentação se tornasse sempre mais variada e, com ela, as matérias que entram no corpo, condições químicas de tornar-se homem. Tudo isto não era ainda, porém, trabalho propriamente dito. *O trabalho começa com a fabricação de utensílios.* Utensílios da caça e da pesca, os primeiros, ao mesmo tempo servindo também de armas. Caça e pesca, porém, pressupõem a transição da mera alimentação com plantas para o consumo conjunto da carne e temos aqui, de novo, um passo essencial para o tornar-se homem. A dieta da carne contém, em estado quase pronto, as matérias mais essenciais de que os corpos precisam para o seu metabolismo. Ganhava, com isto, mais tempo e mais apetite para a ativação da vida propriamente animal.

Mais essencial que tudo foi, porém, a ação da alimentação de carne sobre o cérebro, para o qual fluíam agora muito, mais ricamente do que antes, as matérias necessárias ao seu alimento e desenvolvimento, podendo, por isso, aperfeiçoar-se, de geração em geração, mais rápida e completamente. Com o devido respeito para com os senhores vegetarianos, o homem não se fez sem alimentação com carne.

A dieta de carne conduziu a dois novos progressos de significação decisiva: ao aproveitamento do fogo e à domesticação de animais. O primeiro encurtou ainda mais o processo de digestão, uma vez que levava à boca a comida, por assim dizer, já meio digerida; a segunda tornava a dieta de carne mais rica, uma vez que, além da caça, abria para ela uma nova fonte mais regular e fornecia, além disso, no leite e nos seus produtos, um novo meio de alimentação pelo menos igual à carne em composição de matérias. Assim, ambas tornaram-se já diretamente novos meios de emancipação para o homem.

Assim como o homem aprendeu a comer tudo aquilo que era comestível, aprendeu também a viver em qualquer clima. Expandiu-se por toda a terra habitável, ele, o único animal que possuía em si próprio a plenitude de poder para tal.

Pela co-operação da mão, órgãos da fala e cérebro – não apenas em cada indivíduo, mas também na sociedade – os homens ficaram habilitados a realizar operações cada vez mais desenvolvidas, a colocarem e a alcançarem objetivos cada vez mais elevados. O próprio trabalho, de geração em geração, tornou-se diferente, mais perfeito, mais multilateral. À caça e à criação de gado, acrescentou-se a agricultura; a esta, fiação e tecelagem, trabalho dos metais, olaria, navegação. Ao comércio e ofícios acrescentaram-se finalmente a arte e a ciência; das tribos vieram nações e Estados.

Em suma, o animal *utiliza* meramente a natureza e provoca modificações nela simplesmente pela sua presença. O homem, pelas suas modificações, fá-la servir aos seus objetivos, *domina-a*. E esta é a diferença última, essencial, do homem relativamente aos restantes animais, e é de novo o trabalho que opera esta diferença.

... X ...